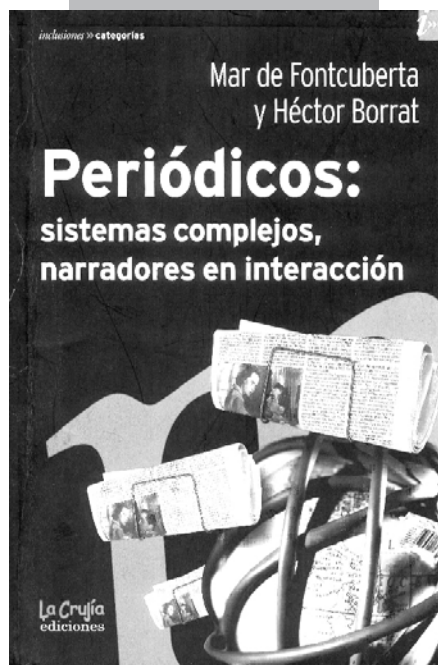


# Convergência tecnológica e a relevância dos narradores públicos

FONTCUBERTA, Mar de; BORRAT, Héctor.  
*Periódicos: sistemas complejos, narradores en interacción.*  
Buenos Aires: Crujía, 2006. 351 p.

Por Francisco José Castilhos Karam



Os desafios do jornalismo como ofício e como empresa nunca foram totalmente superados e resolvidos. A cada novo obstáculo, novas perspectivas também se abrem. A cada nova mídia e novo suporte, um conjunto de problemas para a realização profissional dos jornalistas e para o sucesso como empresa reaparece num novo cenário. Ou, no mínimo, num cenário redecorado com as tintas da evolução tecnológica e com as cores da crescente autonomia da busca de informações por quaisquer pessoas. Não é só no jornalismo que isso ocorre, mas em significativa parte das profissões e dos negócios – e nos diferentes campos do conhecimento. Não fosse assim, a humanidade e a história como processo estariam engessadas.

O início do século 21 juntou o ritmo intenso social com a possibilidade de receber e emitir informações como nunca antes. Tem sido assim com o jornalismo e os jornais ao longo de sua existência. Aumenta o ritmo, ampliam-se os fatos, multiplicam-se as fontes, disseminam-

se as versões. Ao lidar com o novo ritmo contemporâneo e com as tecnologias que dispensam o profissional para dar lugar àqueles que prescindem deles na obtenção de informações por sua própria conta, o jornalismo, o jornalista, o jornal e a mídia em geral encontram novos desafios e podem se preparar para eles, criando rotinas organizativas e estratégias de sobrevivência para se manter como necessidade social e como empresa.

É com base em algumas destas perspectivas, entre outras, que Mar de Fontcuberta e Héctor Borrat estruturaram seu *Periódicos: sistemas complejos, narradores en interacción*.

Ela, jornalista catalã e doutora em Jornalismo pela Universidade Autônoma de Barcelona, com larga experiência profissional em revistas, rádio e televisão na Espanha. Ele, uruguaio que há muitos anos vive na Catalunha. Doutor em Direito e Ciências Sociais pela Universidade da República, de Montevideú, é igualmente doutor em Jornalismo pela UAB, onde foi professor por muitas

décadas. Hoje, Fontcuberta é professora junto à Pontifícia Universidade Católica do Chile, em Santiago; e Borrat, depois de aposentado na UAB, ainda ensina e pesquisa junto à Universidade Ramon Llull, de Barcelona.

Depois de cada um ter escrito vários livros individuais, uniram-se para produzir, agora, uma obra que busca entender e propor alternativas para os jornais e a mídia em geral no novo cenário da convergência tecnológica. O livro traz o selo da La Crujía, de Buenos Aires, editora que vem se destacando em coleção voltada para Comunicação e Jornalismo.

Na obra dividida em duas partes, Fontcuberta trata, na primeira, do jornal como sistema, detalhando-o numa sociedade complexa, envolvendo o temário, as demandas e o formato; as rotinas profissionais, a relação do jornal com a publicidade e com as empresas de relações públicas; as novas necessidades e o jornalismo digital, entre muitos outros temas. Na segunda parte, Borrat trata dos jornais, “narradores em interacción”, como define. Nesta etapa do livro, estuda a relação do jornalismo com o entretenimento e a publicidade; trata da qualidade e das auto-referências profissionais; das novas fontes e dos diversos autores do trabalho jornalístico e de seu resultado no texto. E encerra a obra com o estudo das muitas formas do relato, necessárias hoje para a realização de uma das tarefas essenciais do ofício, a de estimular a visibilidade, a inteligibilidade e a sensibilidade sobre a realidade que nos envolve.

Para se manter como relevância social e como necessidade coletiva, Fontcuberta aponta quatro dimensões para o jornalismo do século 21, quando serão redefinidas – e já

**Os jornalistas,  
ao atuarem em  
uma sociedade  
cada vez mais  
complexa, devem,  
sugere a autora,  
informar sobre  
a informação e  
transformá-la em  
conhecimento**

ocorre este processo – suas rotinas profissionais, envolvendo modificações substanciais tanto na imprensa como no rádio, na televisão, na internet e na multimídia. O jornalismo, explica, terá uma grande *dimensão socializadora de pautas de comportamento*, envolvendo distintos públicos. Continuará e terá significativa relevância como *espaço de cidadania*. Ao lado da família e da escola, será tão importante como *agente educativo*, repassando saber; e será igualmente relevante como *gestor do ócio das pessoas*. E não descuida: ele continua com suas responsabilidades históricas, entre elas a de oferecer as condições para que o público possa construir seu conhecimento sobre a sociedade em que vive e facilitar para que seja capaz de desenvolver-se com autonomia. Enfim, são velhos projetos, desafios e necessidades, os quais, no redefinido cenário da atividade profissional e empresarial, continuam novos e atuais. Os jornalistas, ao atuarem em uma sociedade cada vez mais complexa, devem, sobretudo, sugere a autora, ajudar o público a navegar no oceano de informações disponíveis e acessáveis. Devem *informar* sobre a informação e transformá-la em conhecimento. Neste aspecto, situando o jornalismo digital, observa que a interatividade precisa ser efetiva e, para isso, *conversar realmente com seus leitores*.

Na parte dedicada aos jornais impressos ou digitais, Borrat, ao defini-los como *narradores públicos*, considera, com base em ampla variedade de autores citados, que permanecerão e ampliarão sua importância. Com a velocidade de produção de informações e o tempo exíguo para processá-las, há uma explosão informativa e, ao mesmo tempo, permanece constante a disponibilidade do público para processá-la.

Isto vale para todas as mídias, e o profissional jornalista continua importante para organizar este processo.

O autor não deixa de comentar algo crescente nas redações de todo o planeta, a censura empresarial e a autocensura profissional, já que a empresa jornalística é um negócio e que seus limites já foram entendidos. Mas critica, ao mesmo tempo, o fato de isso levar ao descuido sobre o contexto social. Assim, alerta que a representação de mundo evocada pelo jornalismo pode entrar em crise de credibilidade. Quanto ao ciberjornalismo, reitera que a resposta do público é mais imediata e fácil – o exercício do ofício tende a ser mais questionado e de forma direta. E dá especial atenção à questão das fontes. Como há uma infinidade de novas e possíveis, pergunta: Quantas fontes consultar? Como avaliar a credibilidade de cada uma? Como assegurar e validar socialmente a credibilidade das menos conhecidas ou das mais novas?

Enfim, os autores apresentam para o jornalismo, os jornalistas e as empresas da área um conjunto de questões que surge no horizonte do século 21 e que as modificações nas rotinas da atividade e as novas demandas de um mundo globalizado e convergente tec-

nologicamente apenas insinuam. Mas, como apontam os autores, o jornalismo continua – embora exigindo novas habilidades – ainda ancorado nos velhos e clássicos valores pelos quais permaneceu uma referência social de conhecimento imediato da realidade, em crescimento e consolidação nos últimos 250 anos. Ou, indo um pouco mais, desde que a prensa de Gutenberg propiciou, ainda que à época de forma incipiente, a disseminação em escala ampliada de fatos e de versões em períodos cada vez menores. Passam os tempos e modificam-se os cenários econômicos, políticos, ideológicos, tecnológicos... E o jornalismo continua – nos seus diversos formatos, linguagens e gêneros – referência importante para o uso comum dos indivíduos e da sociedade em geral. Estes encontram, no novo cenário tecnológico, pelo menos potencialmente, as condições efetivas para a interação proposta pelos autores.

#### **Sobre o autor**

*Francisco José Castilhos Karam, doutor em Comunicação e Semiótica pela PUC/SP e professor da Universidade Federal de Santa Catarina.*

*e-mail: fjkaram@terra.com.br*